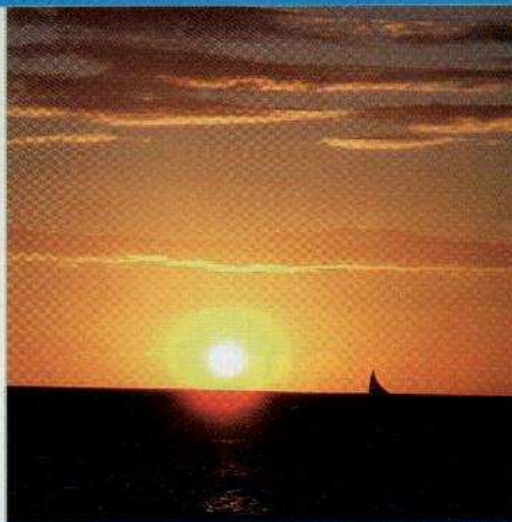


A jangada é uma perfeita obra de engenharia. Feita com uma seleção de madeiras leves, tem entre 5 e 6 metros, uns 400 quilos e apenas 60 centímetros de altura. Seu casco é basicamente um estrado, que causa o mínimo atrito com o ar e as ondas, permitindo que a água passe de um lado para o outro sem o risco de afundar. A vela é de pano, que o proeiro vai molhando o tempo todo para aumentar a resistência do tecido ao vento e, conseqüentemente, a velocidade da jangada. Duas horas e meia depois, a praia já sumiu, e mestre Eliézio tem de se basear na visão de duas serras mais altas, lá longe, para encontrar as bóias minúsculas deixadas no meio do oceano.



Pôr-do-sol no mar: privilégio do litoral cearense

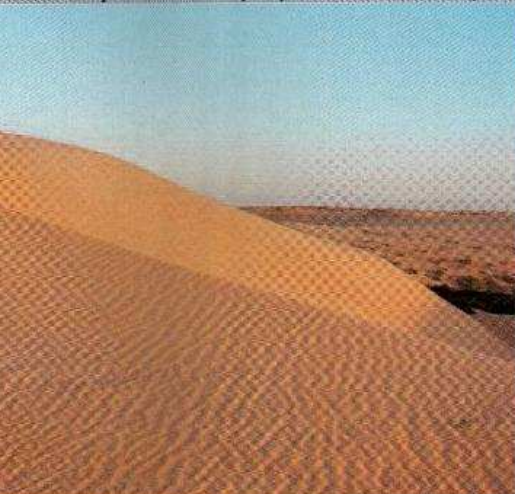
Acrobatas do mar

Se ficar em pé com tantas ondas já é difícil, os jangadeiros realizam a proeza de pescar, manusear as armadilhas e trocar iscas com a embarcação sempre em movimento. Mais ainda: eles conseguem cozinhar! O fogareiro é uma panela com duas janelas. Coloca-se palha de coco e o carvão por cima, e o vento trata de espalhar o fogo. O cozinheiro limpa um dos peixes recém-fisgados, joga na água fervendo e adiciona o tempero. Tudo isso no meio das ondas, e a panela não sai do lugar! Será mágica? O caldo de peixe vira pirão com farinha de mandioca, e o resultado é uma delícia, pode acreditar. Tinha até garapa de rapadura, feita ali na hora também. O Agnaldo, porém, ficou enjoado com o mar mexido e aceitou a sugestão do mestre para dormir no porão; um minuto depois, assumiu aquela posição não tão nobre, ajoelhado na beira da jangada.

Pescamos moréias, barracudas, lagostas e outros peixes. Passamos 11 horas no mar, antes de voltar a Morro Branco. O melhor de tudo foi que os jangadeiros queriam dar nossa parte da lagosta, por termos ajudado no serviço. Um sinal de respeito, mas não aceitamos, claro. Cada quilo de lagosta rende aos pescadores 70 reais. A jangada do mestre Eliézio tem 15 anos de idade e vai para o mar a semana inteira. Realmente, só vivendo um dia com esses caras para acreditar no que eles são capazes de fazer.

Com o espírito renovado, aproveitamos o último dia de viagem para remar 70 quilômetros de uma só vez, até Fortaleza. Não estávamos cansados; no caminho, só pensava em qual viagem poderia fazer depois. Perto do fim, bateu quase um desespero de saber que teria de voltar a trabalhar em São Paulo, poucos dias depois. Com um belo pôr-do-sol ao fundo, atravessamos o quebra-mar do porto e entramos no Iate Clube de Fortaleza, destino final de nossa jornada de 820 quilômetros percorridos literalmente no braço.

Havia sempre uma duna por perto, em todo o trajeto



QUANDO IR

No inverno, o vento sopra do sul para o norte no Nordeste, o que favorece o trajeto de Recife a Fortaleza. No verão, ele inverte o sentido, do norte para o sul. Durante a viagem, entre julho e agosto, o clima se manteve estável, sem tempestades, mas com vento bem forte.

O QUE LEVAR

+ Barraca + bermuda, de neoprene + camiseta de Lycra comprida + chapéu + duas trocas de roupas para dormir + fogareiro + kit de primeiros socorros + kit de reparo para fibra de vidro + mapas plastificados + óculos + panela + saco de dormir e rede são itens essenciais. Optamos por levar pouca comida e uma reserva de água de 8 litros, pois a intenção era se reabastecer em cada parada.

O CAIAQUE

O Juatinga é um caiaque oceânico da **Original Kayaks**, baseado num modelo usado pelos esquimós. Veloz e estável, tem dois compartimentos de carga e duas caixas estanques de flutuação. Os remos usados são de fibra de carbono, da marca Werner. Leves e ergonômicos, são os mais indicados para jornadas longas.

DICA DO AUTOR

"Prefira sempre aportar nos lugares menos turísticos e conversar com o pessoal da região, ouvir suas histórias, comer sua comida. Além de ser uma bela experiência, você economiza bastante. Eu e meu parceiro investimos apenas 1 700 reais cada um para fazer toda essa viagem."

Christian Fuchs

